

GRAVADORES ACTUAIS PORTUGUESES NAS COLECCÕES DO MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS

ARTE POPULARIZADA

Num espírito de tornar acessível a todos os tesouros do velho tempo, vem o Museu Nacional de Soares dos Reis usando de diversos meios possíveis, numa estrutura de quadros e de espaços há muito ultrapassada pelas exigências culturais da nossa época, e pelo anseio de se realizar acções para que o espírito está cada vez mais preparado, mas que são limitadas pela capacidade física que o modesto número de técnicos exige em demasia.

A colaboração que o Centro de Arte Contemporânea vem dando, no domínio das artes modernas tem sido precioso, sob todos os prismas, ainda que nem sempre com a compreensão de todos.

Está como exemplo das nossas acções, o de fazer circular colecções que pela sua natureza não sofram danos, e neste caso, a de gravura moderna.

Desde o seu aparecimento que a gravura logrou os favores de um cada vez mais alargado número de apreciadores, mas parece-nos que em duas fases da sua história ela se colocou no lugar de obra de arte preferível, por ser compreendida e acessível ao homem mediano em cultura e em pecúnia.

O prazer da fruição da companhia de uma obra de arte, provém fortemente da apetência espiritual que só uma certa cultura cria no homem. Mas, mesmo assim não basta a condição de ser culto e sensível, ou melhor, de ser culto e educado esteticamente; há ainda a ter em conta o nível económico que possa facilitar ao extracto social mais frequente nesse estádio cultural, que dá em última consequência a facilidade de escolha e aquisição.

A individualidade da pintura e da escultura são por si razões fortes para limitarem as possibilidades do apreciador da obra de arte na sua convivência.

Esta condição não é tão imperiosa na gravura. Cada peça é por si uma obra de arte autêntica, ainda que muitas mais haja completamente iguais. Pode pois cada um (e muitas mais) ser possuidor da sua peça de arte, em níveis aquisitivos ao gosto do homem de extracto económico para o qual a companhia da obra de arte é acessível.

Quando no século XVI os temas religiosos dominavam esta arte, a gravura penetrou largamente nas casas do homem de média cultura bem como no de mediania económica. Então não era a qualidade artística a que exclusivamente se lhe impunha, mas a do tema — série sagrada de sua preferência, ou só mesmo registo de santo da sua devoção. Servida por artistas de grande mérito, a preto e branco, foi-lhe imposta desde logo uma ponta de nível artístico que muito contribuiu para a difusão de uma manifestação que a todos favorecia.

Grandes artistas da cor tiveram as suas telas reproduzidas

em todos os centros de arte e cultura. É particularmente curioso auscultar como se difundem certos temas iconográficos por acção dos álbuns que os grandes gravadores produziram, muito especialmente a partir dos Países Baixos e da Alemanha.

As buscas que a história da gravura regista para a obtenção dos efeitos de gradações de luz e volumes não cabem nesta introdução mas é simples compreender que da gravura, pura, ingénua em madeira até às refinadas técnicas da gravura francesa e italiana do século XIII ou das tão decorativas gravuras inglesas do século XIX vai uma larga busca de processos técnicos de Alberto Dürer e Dufy têm lugar as mais divarsas experiências e os mais notáveis nomes da pintura nelas se exercitaram.

Hoje, como há quatro séculos atrás, a gravura ganha popularidade.

A gravura não é o álbum completo que se guarda em gabinetes de grandes colecções privadas, não é peça de arquivo de velhas bibliotecas de erudição laica ou religiosa, a gravura não é material de difusão de reprodução de obra alheia pautada em métrica manuseável.

A gravura tal como hoje a encontramos em todas as casas é a obra de arte que reúne o ter qualidade e o ser acessível, o que lhe atribui um duplo e importante papel a fruição estética sem o empenho dos meios materiais como exploração da arte em termos económicos.

Directora do M. N. de Soares dos Reis

M. E. AMARAL TEIXEIRA

CATÁLOGO

- 1 - ARMANDO QUEIRÓS RIBEIRO
"Wisdom is the power of beeing wise" - 1971 - serigrafia/cores - 44 x 58 cm
- 2 - ÁLVARO LAPA
Sem título - 1974/5 - serigrafia/cores - 43 x 57,2 cm
- 3 - ANA VIEIRA
Sem título - 1973 - serigrafia/cores - 33 x 44,5 cm
- 4 - ANTÔNIO AREAL
Sem título - s/data - litografia - 34,5 x 47,5 cm
- 5 - ANTÔNIO CHARRUA
Sem título - s/data - serigrafia/cores - 72 x 41 cm
- 6 - ANTÔNIO COSTA PINHEIRO
"Report of the universonaut on the tragedy of the planet yoxides of the
bleu bleu galaxy" - 1973 - serigrafia/cores - 50 x 60 cm
- 7 - ANTÔNIO COSTA PINHEIRO
"Cosmo Language" - 1973 - serigrafia/cores - 50 x 60 cm
- 8 - ANTÔNIO MENDES
Sem título - s/data - serigrafia/cores - 47 x 65,4 cm
- 9 - ANTÔNIO PALOLO
Sem título - 1973 - serigrafia/cores - 50 x 46 cm
- 10 - ARMANDO ALVES
Sem título - s/data - serigrafia/cores - 40,5 x 36 cm
- 11 - ARTUR ROSA
Sem título - 1973 - serigrafia/cores - 38,7 x 38,7 cm
- 12 - ESPIGA PINTO
Sétimo espaço - 1973 - serigrafia/cores - 52,5 cm (diâmetro)
- 13 - GUILHERME PARENTE
Sem título - s/data - serigrafia/cores - 77 x 58,5 cm
- 14 a 16 - HELENA ALMEIDA
Pintura habitada (conjunto de 3 serigrafias) - serigrafia - 1976 -
46,5 x 40 a duas manchas cada
- 17 - HENRIQUE MANUEL
Sem título - 1973 - serigrafia/cores - 49 x 40,5 cm
- 18 - JOÃO ABEL
Sem título - 1958 - litografia - 33,5 x 24 cm
- 19 - JOÃO HOGAN
Formas no espaço - 1964 - gravura - 25 x 35,5 cm
- 20 - JORGE MARTINS
Sem título - 1974 - gravura/cores - 61,5 x 41,5 cm
- 21 - JORGE PINHEIRO
Sem título - 1973 - serigrafia - 51,5 x 47 cm

- 22 - JOSÉ JÚLIO
Sem título - 1958 - litografia - 26 x 19 cm
- 23 - JOSÉ RODRIGUES
Sem título - s/data - serigrafia/cores - 47 x 51 cm
- 24 - JÚLIO POMAR
Sem título - 1974 - serigrafia/cores - 67 x 50,5 cm
- 25 - LOURDES CASTRO
Sem título - s/ data - serigrafia - 50 x 50 cm
- 26 - MANUEL BATISTA
Sem título - 1974 - serigrafia/cores - 50 x 32,5 cm
- 27 - MANUEL CASIMIRO
Sem título - 1972 - foto-serigrafia - 41,6 x 57,2 cm
- 28 - NADIR AFONSO
Sem título - s/data - serigrafia/cores - 29,5 x 50 cm
- 29 - NUNO BARRETO
SA-7 - 1976 - serigrafia - 35 x 41,5 cm
- 30 - PAULA REGO
Sem título - 1974 - serigrafia/cores - 44,5 x 32 cm
- 31 - PEDRO CHORÃO
Sem título - 1974 - serigrafia - 70 x 50,4 cm
- 32 - RENÉ BARTHOLO
Sem título - 1965 - litografia/cores - 52,5 x 39 cm
- 33 - ROGÉRIO RIBEIRO
Agressão - 1974 - serigrafia - 46 x 60,5 cm
- 34 - SÉRGIO PINHÃO
Rotação - 1972 - serigrafia - 66 x 66 cm

MUSEU DA CASA NOGUEIRA DA SILVA

24.julho - 15.agosto.1980.